

Aspectos do Mito em Invenção de Orfeu

Prof. OSCAR LERMENN

RESUMO

Fazemos neste artigo uma aplicação do conceito de mito segundo Lucien Lévy Brühl – *La Mythologie Primitive: le monde mythique des australiens et des papous*, Paris, Presses Universitaires de France, 1970.

Exemplificamos a aplicabilidade do conceito com os elementos mais recorrentes e estruturais da epopeia "Invenção de Orfeu" de Jorge de Lima. Em seguida, procuramos evi-

denciar o conceito de mito a que nos referimos nos elementos que encerram negação recíproca, como: "existimos

poetas sem nascermos", "que mão sem braço o escreveu", "o jeito é rir com a boca ausente". Acrescentamos ainda os

elementos que oferecem fálacia sensorial, isto é, discrepâncias entre os níveis sensorial e ideológico; entre o mundo da

criatividade poética e o mundo da realidade.

A partir desta fundamentação, estamos em condições de, nos próximos artigos, apresentar a conclusão a que chegamos – a amplificação do campo semântico dos elementos estruturais em articulações crescentes e sempre renovadas.

ABSTRACT

This article presents an application of the concept of myth according to "La Mythologie Primitive: le monde mythique des australiens et des papous" by Lucien Lévy Bruhl.

The applicability of the concept is exemplified by means of the structural and most recurrent elements of the epopee "Invenção de Orfeu" by Jorge de Lima.

We also try to give evidence to the concept of the myth referred to above in the elements which contain reciprocal

negation, as for instance: "We are poets without being born", "What armless hand wrote it", "The way out is to

laugh with the absent mouth". We still add the elements which offer sensorial falacy, i.e., discrepancies between the

sensorial and ideological level, between the world of poetic creativity and the world of reality.

Based on the above premise, we reached the point to conclude for the amplification of the semantic field of the structural elements in expanding and always renewed articulations.

SUMÁRIO. OS MITOS – VISÃO MÍTICA DE "MÃO" E DE "MAR" – OS IMPOSSÍVEIS POSSÍVEIS OU O SER E O NÃO SER.

Sinais convencionados e citações.

Neste estudo aparecem os seguintes sinais com o significado abaixo.

→ : evolução e sentido para.

= : identidade, semelhança, igual a.

VS: oposição, sentido contrário, "versus".

" " : além de seu sentido convencional de costume, como: assinalar a abertura e o fecho de citações textuais, aqui tem o

objetivo de salientar as palavras a que atribuímos conotação peculiar. Salientam, principalmente, palavras de carga semântica específica neste estudo, como: visão, visualização, revelar, revelação, metafísico.

Para a citação topográfica de textos poéticos utilizamos a edição príncipe de "INVENÇÃO DE ORFEU", Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1952.

Exemplo:

Nessa derrota entre mouros,
mora em mim essa memória
corporizada e constante
de coisa que eu não defino
e nem sei como extingui-la.

VI, 10o., 237

em que o número ou algarismo seqüente à citação significa, na ordem da citação:

VI = numeração do canto;

10o. = numeração do poema do canto;

237 = numeração da página.

V – OS MITOS*

Enquanto o poema estudado, que intitulamos "O Cacto"¹, serviu para ilustração do nível das realidades "metafísicas", o poema "As Flores"², para "re-

velar"³ a "visão" dinâmica dos aspectos míticos além da sistemática de oposição de

MUNDO FÍSICO

VS

MUNDO METAFÍSICO

outro poema; (I, 24o. 41), que intitulamos "O Engenheiro"⁴, foi escolhido para "revelar" o que qualificamos e classificamos como mito⁵ em "INVENÇÃO DE ORFEU".

É preciso salientar que os seres do

mundo "metafísico"⁶ já constituem, pela sua natureza e visualização, um **mun- do mítico**. Em todos eles há o que se poderia chamar de hetero-visão:

IMAGEM EMPÍRICA
V S
IMAGEM METAFÍSICA

Enquanto os elementos existem no mundo real físico e se metamorfoseiam,

pela "visão" poética, no plano "metafísico", por causa da hetero-visão já se constituem em mitos.

Mas, por **entidades míticas**, neste estudo, entendemos os seres fantásticos configurados como pessoas, embora no plano mítico. Por isso os qualificamos como seres subjetivos-objetivados. Considerando-se o ponto de partida de seu processo criativo, teremos a seguinte trajetória:

ser real físico — ser metafísico e mito — visão fantástica

E, inversamente, para processamento dos seres míticos, ou melhor, os mitos: **visão fantástica** — ser metafísico — **como ser real**.

Em ambos os níveis, físico e metafísico, são mitos. Acharmos oportuno, entretanto, fazer-lhes distinção porqu realmente oferecem aspectos que os d. ferenciam nos dois níveis considerados.

O texto. (I, p. 41)

"O ENGENHEIRO" (O título é nosso)

Abrigado por trás de armaduras e esgares,
o engenheiro noturno afinal aportou
ao nordeste desta ilha e construiu-lhe as naves.
Penoso empreendimento o invento desse cais
e desse labirinto e desses arraiais.
Para britar a pedra escreveram-se hinos
prontos para marchar ou morrer sem perdão.
Numeraram-se os chãos cada qual com seus ossos,
reacendeu-se a colméia, atçou-se o pavio.
Lemos contos de Grimm, colamos mariposas
nesse jato de luz em frente às velhas tias;
e sob esse luar conversamos baixinho
com esse pranto casual que os velhos textos têm.

O pródigo engenheiro acendeu seu cachimbo
e falou-nos depois de flores canibais
que sorvem qualquer ser com seus pólenes de urânio.
"Feliz de quem ainda em cera se confina"...
disse-nos afinal o engenheiro noturno.

Em seguida sorriu. Era perito e bom.
Vimo-lo sempre em sonho a perfurar os túneis
forrados a papel de cópias e memórias.
Era a carne profunda a emabalar-nos nos braços
e esse vasto suspiro a se perder no mundo;
era a marca dorsal já tatuada em porvires
desses castos porões de prazeres reptantes.

Inaugurou-se a festa, os impulsos surgiram,
e em calma fez-se a colheita do sal.
Houve proibições em frente às velhas tias
de sobrolho tardio e ternuras intactas.

Alguma loura irmã dentro de nós dormiu,
abriu-se em nosso texto uma abóbada escura
circunstancial, madura em seu silêncio cúmplice.

Essa perturbação alcançou os meninos
esculpidos ao pé das colunas do templo
que desceram ao palco exibindo-se nus.

Do noturno trabalho a gente tresnoitada
dança de ver assim ao romper da alvorada
esse engenheiro-ser tocando a sua gaita
os rebanhos levar; logo no tosco jarro
aquele lhe oferece a doce e branca ovelha,
e a vaca os seios seus em queijos e coalhada.

No mais: áridos bois aos turistas se exibem
com a famosa charrua amada aos bifes presa.

Agora arfando vêm as vacas imortais
com os novilhos da lei que em cenas aparecem,
e dirigindo os inda infantes tenros socos,
uns com os outros tão cedo as guerras iniciam.

Os centauros com o gado aéreo que defendem
do tigre destruidor, todos à tarde vindo,
lavam o pé grosseiro ao lavrador perdido.
Corre um secreto rio que torna pensativas
essas horas sem lei votadas à fadiga.

Depois de convencer manhosos suas rezes,
os guerreiros se vão ao som das áureas trompas,
hirtos cantando iguais os raptos a pastoras.

Mas à sombra da Musa, o engenheiro enlinhado
às tenras hastes orça o lavrador possível,
ensinando-lhe o trigo e maneira de amar,
(fábula expressiva e anosa), e a transformar a terra
as vis libidos em corolas incolores,
os orvalhos das mãos em asas de águias tenras,
e várias coisas mais com força de calcar.

Não de outro modo outrora ao som de flautas rudes
e de obesos tambos aedos inspirados,
da loura idade a grenha de ouro conservaram
os costumes com o gado, as flores e as romãs
que tudo se fará contra reis absolutos.

Afinal o engenheiro amou, sonhou, construiu.

Que mais pedimos a esse existencial amigo
a esse noturno autor de construções volúveis?
Percebeu nosso olhar, nosso desejo antigo:
Um puro Adamastor desejávamos tanto!

E uma noite no mar o Tormentório Cabo
a Tétis emprenhou; e o órgão monstruoso
pôde ser construído oculto sobre a ilha:
converteu-se-lhe em som a terra dura, e os ossos
em penedos, e os pés em dois pedais andando
sobre o úmido elemento e a boca desferiu
o canto imenso. Agora eu vos direi que Tétis
é voluta e paixão ou essa mulher sem sombra
repercutida e só dentro do tempo e o espaço.
O órgão fora construído em meio à nave como
um litúrgico altar para seu canto alterno.
E o teclado em verdade é de asas modelado
despaisado clangor como os nomes sem corpo.
Tétis o agita: e o enorme orago reproduz

o mais doce momento, o ato de pura graça
 ante cuja rosácea é canto e desencanto.
 Mas tudo é esse destino e essa ária consentida
 dessa atriz, dessa beata ou dessa prostituta
 ou da despida Ruth — a doce jovem física.
 Vozes que vêm do campo abandonadas e órfãs
 passam a ressurgir dentro da boca informe
 numa descomunal fuga de sedução.

Afinal as paixões que são cinco se cruzam
 no topo do alto mastro exteriormente mastro
 mas na verdade som, tenaz perseverança,
 seta de Orfeu, furando os ares, sempre himens.
 Severo movimento eu vos serei mais préstimo,
 sonoro Adamastor com seu peito de cordas,
 trovador desse mar circundando essas terras,
 menestrel tipo entoado de arpejos.

Quando tudo evadido alcançamos a graça
 a ação era dormida e o banquete sem luz,
 esgarçava-se a cor nos estilo fugados,
 solidão majestosa, antecipação do poema,
 desse deserto frio embora surpreendente.
 Nessa paz quantas mãos estão tocando sinos?

Quantos órgãos em cada articulada mão?
 Quantas vozes estão vibrando nesses órgãos?
 Ó canto firme, ó canto antifonário e cor,
 poliforme alegria, alma coreográfica,
 que motivo de dança em vossos lábios há?
 Que doce Melusina oblações vos levanta
 e motiva um destino aos poslúdios vocais?

Falai fisionomia, organizados olhos,
 lábios de pantomina, ouvidos antenados,

Conforme nossa explicação em
 “CRIAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNI-
 CAÇÃO E DE REVELAÇÃO”⁷ e em
 páginas imediatamente anteriores, os
 mitos são povoadores do mundo “míti-
 co” e não do mundo “metafísico”, em-
 bora suas analogias.

Os mitos são seres que tem existência
 e personalidade à semelhança de pessoas
 existindo e agindo no mundo “metafísi-
 co”.

Para sua “Revelação” adotamos os
 termos mitemas. Estes, à semelhança

dos logossemas e pelas mesmas razões
 destes, dividimos em:

- 1 — mitemas físicos e
- 2 — mitemas psicológicos.

Assim os mitemas físicos, os núcleos
 descritivos, correspondem aos “persone-
 mas físicos” e os “mitemas” psicológi-
 cos, os núcleos operativos, correspon-
 dem aos “personemas psicológicos”⁸.

Efetivamente, em “O Engenheiro”
 temos percepção mais perfeita de mito
 do que no poema “O Cacto”. O “enge-
 nheiro noturno” do poema nos permite

olfatos de preamar em cardumes lunares,
 órgãos de cada verso ao coração sequioso
 ligados veia, artéria, espinho e chaga ao peito.

Ó desatino sacro, ó lema dessa cruz
 agitados na frente, ensanguentados no ar!

As âncoras dos pés pedalam nos abismos,
 a sombra é como o peixe aprofundado e cego.
 E agora dos pedais pulou um dançarino
 submerso e luminoso anjo marinho. Vede-o:
 O contorno dissolve-o o oceano grosso,
 encanto ritual, analogia plástica,
 esse Ícaro afogado à medida que sobe
 pelas vagas, alcança o impulso que o envolve
 em sua transição à superfície márea;
 e desse céu recai com suas asas de alga,
 um destino afundando e outro logo emergindo.
 O seu ritmo é ondulado em coreografia álgida,
 e as paixões glaciais sangram como medusas
 em seu mergulho undoso enlousado de escamas.
 Seu sinistro ritual é uma graça visível
 aos que vivem com ele envolvidos nas ondas
 e se segregam sem nenhuma confiança,
 e amam sem o amor exclusivo da carne.
 Ó bailado soturno entre silêncios vivos,
 nostalgia do corpo em dois sexos partido
 e refeito no fundo extremado das águas.

Adamastor efebo e alado, quase Tétis,
 quando emerge do mar é a cordilheira do órgão
 que seu impulso move e que se abstrai em som.

figurar uma personagem e tipificá-la co-
 mo personagem de ficção. Pois apresen-
 ta, em sua composição, elementos des-
 critivos definidores de seu SER; e ele-
 mentos operativos que configuram seu
 modo de AGIR.

O rastreamento desses elementos, os
 mitemas físicos e psicológicos corres-
 pondentes nos permitem esquematizar o
 que segue:

Para o MITO “Engenheiro Noturno”
 (I, 24o. 41), temos em paralelo

Mitemas físicos	Mitemas psicológicos
armaduras	construção de naves invento do cais
esgares	invento do labirinto
noturno	invento dos arraiais britar pedras
pródigo	acendeu o cachimbo
cahimbo (fuma)	falou de flores canibais sorriu
perito	perfurar túneis forrados a papel de cópias e memórias
bom	tocar sua gaita
visto pelo sonho	levar rebanhos
engenheiro-ser	ensinar ao lavrador o trigo e a maneira de amar

Mitemas físicos	Mitemas psicológicos
existencial-amigo	ensinar ao lavrador a transfor- mar na terra
noturno ator de “construções volúveis”	as vis libidos em corolas incolores os orgulhos das mãos em asas de águas tenras. Afinal o engenheiro amou, so- nhou, construiu. Construiu seres e mundo mítico: Adamastor, Tétis. Construiu um: órgão em meio à nave como um litúrgico altar para seu can- to alterno. E o teclado em verdade é de asas modelado

A exemplo do mito “O Engenheiro Noturno” outros mitos existem, tanto visualizados como pessoas ou como animais. Segue-se a transcrição dos mitemas de alguns deles.

O MITO “CAVALO DE FOGO” (IV, 156-7)

Mitemas físicos	Mitemas “psicológicos”
– feito em chamas	pelas tardes sem tempo surgia e lia a mesma página que eu lia.
– alastrado de insânia esbraseada	Lambia os signos
– coberto da insânia do rei (como noite)	assoprava luz intermitente
– o rei nele transformado	lia o mesmo livro que eu folheava
– feito em lavas	lambia a página
– recoberto de brasas e de espinhos	apagava a memória dos versos doridos
– transformado em vagas sublevados.	se encantava na escuridão
– íncubo (cavalo)	se nutria na loucura

DUENDE RUBRO – (IV, 228)

Mitemas físicos	Mitemas “psicológicos”
– horrível	gira e ruge
– rubro	adeja baixo na terrena sombra
– no corpo: pinos com olhos e cílios	espia a humanidade
– uronosas línguas	cavalga o vento
– membros de grifos	arvora o cetro e as iras
– sóis de inferno	vai pelos ares
– manhas de bruxo	por seu efeito: O pastor transformado em tormentório
– hirto e metálico	ira-se, parte com sulcos
– tartáreo	sangra os inocentes
– sentado em ósea vaga ou sumo esquife	destrói zimbórios, naves, círios, páscoas
– o vento seu núncio	defende réus e demônios
– sob o despido escudo um cinto de ossos	espicaça com ira as flores tenras manietando pastores com vozério traz um moço afia ásperos ódios impudente a machadadas racha umbrais

Como se percebe, de imediato, neste poema o “DUENDE RUBRO” é um ser terrivelmente devastador. Uma espécie de encarnação da maldade. Seu adversário é M A R O que lhe move guerra.

M A R O

– fiel, pio e inteiro	encarcera, algema, enfreia os tristes ventos
– valente e majestoso	a ninguém cede anima remos e claricórdios anima rosais, doces ausências, operários.

A título de exemplificação, limitamo-nos a estes poemas, embora a tese apresenta mais exemplos, como: “a ave”, “uma alimária”, “harpas” e outros.

VI – VISÃO MÍTICA DE “MÃO” E DE “MAR”

A “visão mítica” destacada no capítulo anterior é extraordinária em riqueza por toda a epopéia “INVENÇÃO DE ORFEU”. Por este motivo, dada a abundância de elementos míticos e a extensão da epopéia, não consideramos demasiada a documentação desses aspectos. Transcrevemos a síntese do que se dá com dois elementos estruturais que se destacam, tanto pela alta frequência na totalidade do texto poético, como pela riqueza de conotações: “mão” e “mar”. Estes, a exemplo dos elementos anteriores, podem ser “visualizados” em aspecto estático e em aspecto dinâmico.

Relativamente a estes elementos, além da “revelação” dos dois aspectos salientados, transcrevemos, em síntese, o elemento extraído do fichário⁹ que permite o texto em contexto.

No presente capítulo teremos, portanto, a seguinte ordem de apresentação.

- “Mão” em texto transcrito do fichário com elementos essenciais.
- “Mão”, estaticamente “vista”, com a constelação dos aspectos de conotação que estabelecem a visão mítica no plano “metafísico”.
- “Mão”, em “visão dinâmica”.

a) M Ã O

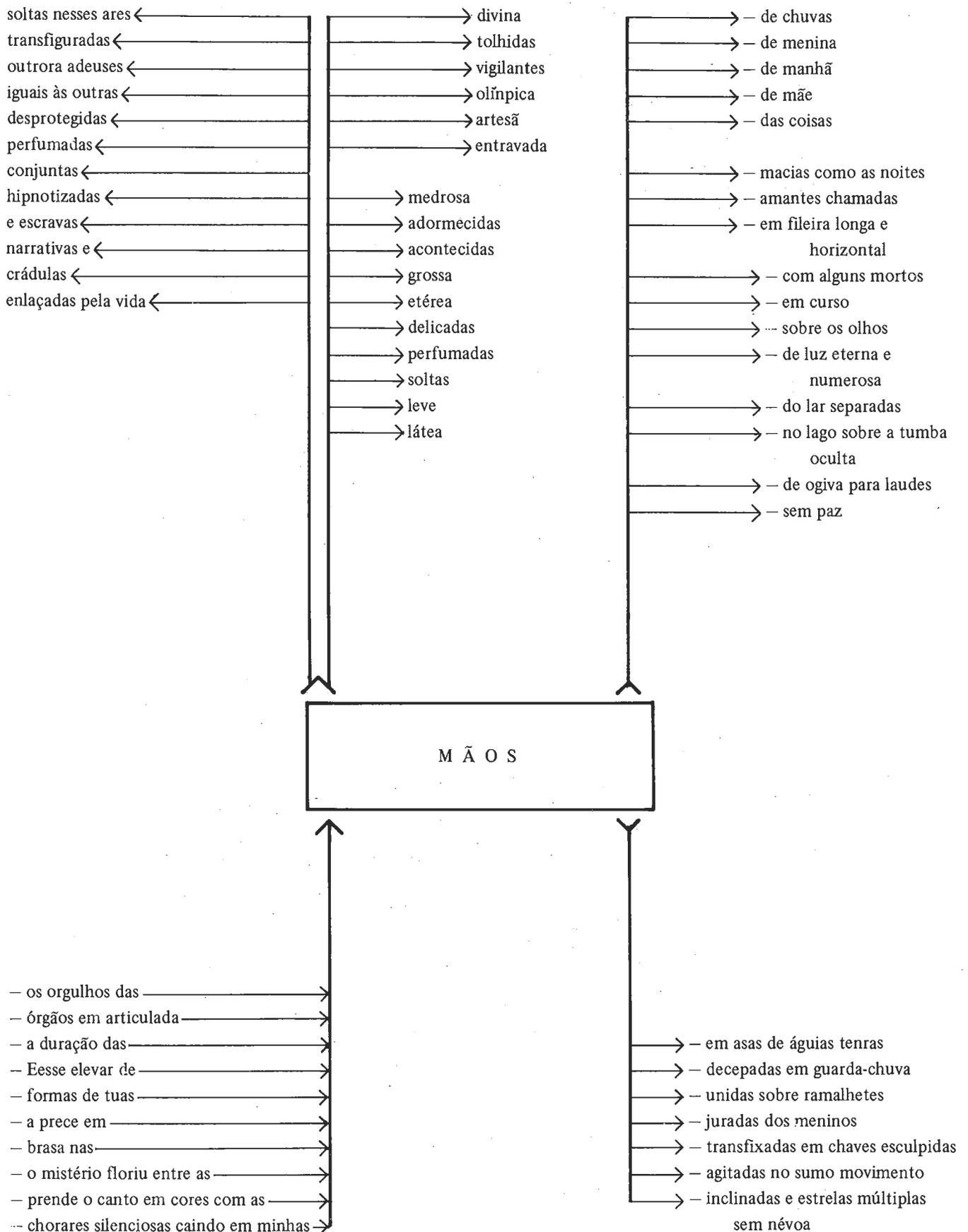
-, e a transformar na terra
.....
os orgulhos das mãos em asas de águias tenras. (I, p. 43)
- Nessa paz quantas mãos estão tocando sinos? (I, p. 45)
- Quantos órgãos em cada articulada mão? (I, p. 45)
- mão de chuvas lhe inteiriçam
o corpo com algas remissas
e com matérias tranquilas
tão soturnas como os poços. (III, p. 132)
- O simples ar
de uma só corda
em curta raia,
mão de menino,
punho escasso,
ar perfumado. (III, p. 135)
- Como primeira e interminável voz
mostro-vos as mãos soltas nesses ares
modificando as cores relativas. (IV, p. 159)
- a duração das mãos transfiguradas
suspendida volúpia dialogada. (IV, p. 160)
- Disperso-me no caos. Serei eu mesmo
essa mão decepada em guarda-chuva. (IV, p. 165)
- Em minhas mãos plantaram joio e trigo. (IV, p. 173)
- Alguma lua cheia nas tolhidas
mãos se estiolou; (IV, p. 177)

11. Heróis existem os como:
meninos, lírios, pomares,
.....
naves, mãos, mesas unidas. (VI, p. 222)
12. A palavra da clave estacou
como dardo parado por mão. (VI, p. 223)
13. Debulhando-se em pranto, como outrora,
do pólen negro e incruento. Alguém o livra,
com a mão de luz eterna e numerosa. (VI, p. 233)
14. Morram-lhe as flores e veias,
.....
as mãos do lar separadas,
seus álbuns todos manchados. (VI, p. 238)
15. Secretos numes, causas, entidades,
mãos vigilantes, vinde e dispersar-me; (VII, p. 245)
16. Compreendo mão olímpica teus signos,
teu apontar abaixo, aguda seta,
de sentenças à carne impermeante,
teus ciúmes dos seres naufragados,
teu ensino, teu certo movimento. (VII, p. 247)
17. Persiste, mão olímpica, nos lábios
queimados por teus astros foragidos. (VII, p. 247)
18. escruto minhas quedas, tantas sombras,
.....
malgrado flores simples, reis do mal,
E esse elevar de mãos a qualquer susto! (VII, p. 248)
19. Pulsaremos na artéria fraternal?
Mão na mão, musa de astro, calor frio.
Na blandície das chuvas desce um seio, (VII, p. 252)
20. Forma de tuas mãos, transcendência e matéria,
alta e dura tensão, fossilizado grito. (VII, p. 263)
21. Interroga-me o Rei. E eu em voz gasta:
Minha mão artesão pertence à lei
e com ela registrei nas colunatas:
Ó inatingível céu, enfim cansei. (VII, p. 263)
22. com certeza
relativa que existe em vossos olhos,
em minhas mãos, em vossas mãos, as nossas. (VIII, p. 271)
23. As longínquas manhãs, ó as manhãs!
as mãos no lago, sobre a tumba oculta; (VIII, p. 272)
24. Sangue inútil
para a medida unânime, grandiosa,
para as mãos sem descanso revoando,
como pássaros loucos, como folhas
que do pino do orgulho se esfarelam. (VIII, p. 275)
25. Pregaram-nos as mãos. Foi esse rei.
É melhor repousarmos nossas sombras. (VIII, p. 275)
26. tocaremos as carnes, sentiremos
a verdade fugir de nossas mãos,
em nossas mãos cingiremos outras mãos. (VIII, p. 276)
27. e eu tão velhíssimo,
ancianias tremendo minhas mãos,
curvando meu bordão antes de mim. (VIII, p. 277)
28. E, não sejamos fúnebres e espessos,
sejamos gaios, todavia leves,
as mãos unidas sobre remilhetes, (VIII, p. 278)
29. A mão tangendo as ondas adjacentes,
e as ondas afogando o homem cansado. (VIII, p. 278)
30. porém mão de manhã, mão entravada
que nem pára a foiçada que a decepa. (VIII, p. 278)
31. sobre a roda perene, lenta, lenta
a mão girando como flor de morte, (VIII, p. 278)
32. E todavia a trave na garganta
e a grossa mão medrosa sem poder
interpretar sequer o que repete,
o que soletra, o que ruma há séculos, (VIII, p. 279)
33. Vamos unanimar essas lembranças
aquelas cordilheiras e esses grãos,
aquelas mãos de avós, aqueles berços,
aquelas confissões unânimas. (VIII, p. 280)
34. Porém a grossa pata esvurma o lodo,
e as pequenas enguias embebeda
em seu fogo líquido; e a mão divina
quando lhe apraz pescar antes as tenta. (VIII, p. 280)
35. Que frio! que estreiteza continente
sonega o movimento do universo,
conjura-nos as mãos adormecidas,
desseca as rosas e desseca as almas. (VIII, p. 281)
36. crianças
que não tendo brinquedos brincam luas.
quando essas luas vêm às suas mãos. (VIII, p. 281)
37. Os cantos lapidários varam crivos
conduzidos por lábios preexistentes,
rimados pelas mãos outrora adeuses, (VIII, p. 282)
38. E sobre o livro as mãos – Marta e Maria,
as mãos tão narrativas e tão crédulas
e tão hipnotizadas, tão escravas
mais do que os pés (VIII, p. 286)
39. mãos urdindo
fiapos de cabelo, tranças idas,
namoradas perdidas, inventadas. (VIII, p. 290)
40. florestas de destino sobre o espaço
compreendido entre as mãos quase entornadas
de aventuras reais que não nasceram. (VIII, p. 292)
41. E quando os soluços coagulavam
.....
e muitas coisas pobres com dez fomes
de simples amizades ou de mãos (VIII, p. 295)
42. encontrávamos rosas endelêveis
indo feitas de olhares persuasivos
e o espaço entre as mãos acontecidas. (VIII, p. 298)
43. há matinas sem que eu me vibre em férias
os pintassilgos comem meus seleiros (VIII, p. 303)
44. Outros estendem para nós as mãos
e nossas mãos voltam para eles,
e eles nos olham, nós calamos, vamos, (VIII, p. 303)
45. No mais as larvas, fel desses cortiços,
tingindo as mãos juradas dos meninos. (VIII, p. 304)
46. e essas placentas dão feitiços sêpias
transformadas nas horas de vigília
com Ataxerxes mostrando-nos as mãos. (VIII, p. 304)
47. As portas percutidas pelas mãos
transfixadas em chaves esculpidas
com feitiços de cravos rescendentes
da madeira pregada a seus discípulos, (VIII, p. 313)
48. Havendo gradação de luz externa,
o mistério floriu entre as mãos nossas; (VIII, p. 313)
49. divino texto de oratório,
a prece em mãos de ogiva para laudes. (VIII, p. 315)
50. Porém atualidade universal
tão perto dessas mãos iguais às outras
tão após guerra, tão jamais a guerra. (VIII, p. 316)
51. Ficamos afetados de seu todo,
as mãos transfiguradas nós a éramos (Mira-Celi)
ela pairou num vôo – eternidade. (VIII, p. 317)
52. As paisagens são outras mas os dramas:
a mão sem paz contando o seu destino,
repetido e contado sem lamentos; (VIII, p. 318)

53. Templo construído põe-se em movimento,
ogivas estendendo as mãos conjuntas
.....
candelabros as línguas alongando, (VIII, p. 320)
54. A mão grossa vagando sem poder
imitar Tua Sombra, sequer Mão,
sequer Luz não parada, . . . (VIII, p. 322)
55. Pregaram-lhe depois a mão em curso,
e houve constâncias e constâncias e (VIII, p. 324)
56. O canto em cor surgiu para teus olhos;
prende-o com as mãos etéreas que tiveres. (VIII, p. 328)
57. e essa janela aberta na obsessão
de não ser esta mão e a pena abaixo
desta mão escrevendo sem poder
sem poder sossegar para morrer. (VIII, p. 331)
58., Senhor, cortai-me os hiatos
com Vosso Sopro, rebrandir-me
em Vossa Mão. (VIII, p. 331)
59. As suficientes coisas detravadas
.....
visando as nossas mãos desprotegidas (VIII, p. 332)
60. Olhai bem
que as mãos das coisas se assemelham a
tomabadas luvas mortas, luvas mortas,
mas as garras por dentro das defundas. (VIII, p. 333)
61. Esqueceste que foste teu soldado,
guardando-te?
Estende as mãos e colhe o que não vês. (VIII, p. 334)
62. Vem sem susto
Acontecida festa, convidadas mãos
amantes chamadas que te chamam.
Construíram pontes para tu passares. (VIII, p. 334)
63. Não convém esse instante pensamento,
essa brasa nas mãos tão delicadas.
Ali as traças, pouso os lábios, poeta, (VIII, p. 334)
64. A lua sobre as águas. Vem nascer.
Ó tu, sem braço blau, não te perturbes
As palavras descansam como noivas. (VIII, p. 334)
65. Deixai-me,
indo sem mim. Depois nem mais consciência
Nem mais a minha mão nem rumo igual.
A consciência de fora me solvendo. (X, p. 361)
66. O sono nos põe noites sobre as fronteiras,
ó mãos de mãe, macias como as noites. (X, p. 364)
67. há portos de vertentes esposadas
sob as mãos enlaçadas pela vida. (X, p. 365)
68. Atravessa esse espaço uma bandeira
silenciosa e presente como a paz.
Porque ali estão as túnicas iguais
lembrai-vos que as teceram nossas mãos. (X, p. 365)
69. Duplice cotejo.
Pôs as mãos sobre os olhos: fora sempre
dócil aos juramentos mensageiros. (X, p. 366)
70. Da perene amplidão do som constante
provinha interminável revivência
de tudo o que alcançaram suas mãos
agitadas no sumo movimento. (X, p. 366)
71. As suas mãos estavam inclinadas
e tão estrelas múltiplas sem névoa,
que o ardor dos estios repudiados
produziu pelo mundo santos ébrios. (X, p. 368)
72. Quero chorar, ó madre silenciosa
o meu choro de peixe no teu ventre.
Teu escudo de pêlos me defende,
pressinto tuas mãos me adivinhando. (X, p. 378)
73. Com esse metro de cantos redimi-me
Palpo-me com o meu poema. Chamo as mãos
chamo os pés, chamo a mim mesmo; (Senhor!)
com esses versos retorno os meus sentidos. (X, p. 379)
74. Escrevo para me encontrar no tempo,
.....
nas mãos em fileira longa e horizontal. (X, p. 381)
75. Todavia respiro essa roseira
tutelar. Padeço.
Repouso em seus espinhos: sinto as mãos,
registro essas traições, . . . (X, p. 382-3)
76. Belatrix se mostrava imponderável
.....
Suas mãos perfumadas se aferravam
a fundas remissões de várias culpas
contidas nas medulas e nos túneis. (X, p. 386)
77. Pés e mãos com Aquele, redimindo.
E tantas punições e tantas culpas.
(Vem para o baile agora, solucando!) (X, p. 386)
78. Deu-nos cantos para ser lembrados,
peixes de prata para os barcos viúvos
suas mãos perfumadas imitávamos. (X, p. 387)
79. Chorando estais, chorares silenciosas,
caindo em minhas mãos como novelos
de lã (o pranto matinal e suave). (X, p. 389)
80. Nossas mãos com alguns mortos, nossas costas
derribadas arenas. Polegares. (X, p. 391)
81. Que ode foi mais viva? Que mão breve
os números gravou em cada livro?
Que muralhas se abriram ante os dias? (X, p. 394)
82. Hortelões como Aquele. Ó doce afã,
que permanentes pétalas, que arados,
que corpos organados, que mãos soltas,
que medidas pujantes, que presenças. (X, p. 396-7)
83. continente com outras geografias
de formas várias, iam esplendores,
subiam láteas mãos, floriam luzes,
tempo fluido cobria alados olhos. (X, p. 400)
84. as coisas renascidas e os batismos,
as mãos de Beatriz tem novos números
e a frente nívea é logo nominada. (X, p. 401)
85. As lágrimas caíam. A voz busca.
As mãos unidas ama. Nós estávamos. (X, p. 403)
86. No momento de fé
crivado
com umas setas de amor
as mãos
e os pés e o lado esquerdo.
Amém. (X, p. 404)

A seguir temos a apresentação da
mão, extraída do contexto, mas acom-
panhadas de suas qualidades poéticas
que lhe prolongam a percepção, confir-
mando o “caráter mágico da visão poé-
tica”.

b) Visão estática



c) “M ã O” em “visualização dinâmica”

- tocando sinos
- modificando as cores relativas
- sem descanso revoando
- tangendo as ondas adjacentes
- girando como flor de morte
- que nem pára a foice que a decepa
- urdindo fiapos de cabelos, tranças idas
- contando sme destino
- vagando sem poder imitar Tua Sombra
- escrevendo sem poder sossegar para morrer
- construir pontes
- teceram túnicas

- me adivinhando
- gravou números em cada livro
- unidas amam

Em minhas mãos plantaram joio e trigo.

Alguma lua cheia nas mãos se estiolou.

..... crianças
que não tendo brinquedos brincam luas,
quando essas luas vêm às suas mãos.

“M A R”, o elemento estrutural “universalizador”

Relativamente à exemplificação com “Mar”, a concluir pelo que aqui apresentamos sobre este elemento, pode parecer que é muito mais limitado em ocorrências do que outros, como o exemplo anterior, “Mão”. Entretanto não é isso que se dá. “Mar” é o elemento de maior índice de frequência em ocorrências pelos cantos da epopéia, como se as “águas desse “mar” se infiltrassem por todos os recantos e “praias” dos poemas.

Por esta sua presença constante, forma uma espécie de fundo de quadro sobre o qual se salientam e sobre o qual se movem os demais seres que destacamos como estando em “visualização” mito-poética: nau, ilha, estrela, figuras humanas, etc.

Por esta razão já o denominamos na “Introdução”¹⁰ desse trabalho, denominamos ao “mar” de “elemento estrutural universalizador”.

Entretanto, se é muito elevada sua frequência, parece-nos ser menos “irisado”, menos rico em conotações que outros elementos. Em toda caso, é menos evidente a “visão” mítica, sendo menor a constelação de elementos que o dimensionem a partir do mundo real físico para o mundo “metafísico”. Por isso parece apresentar-se mais com carga de realidade material, como lastro de realidade física.

Visão síntese de M A R. (síntese colhidas das fichas¹¹ de texto).

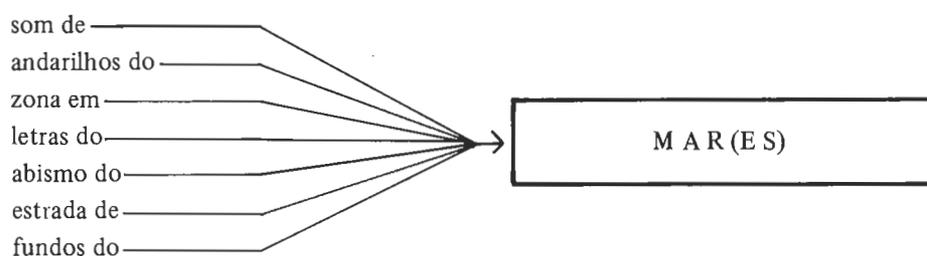
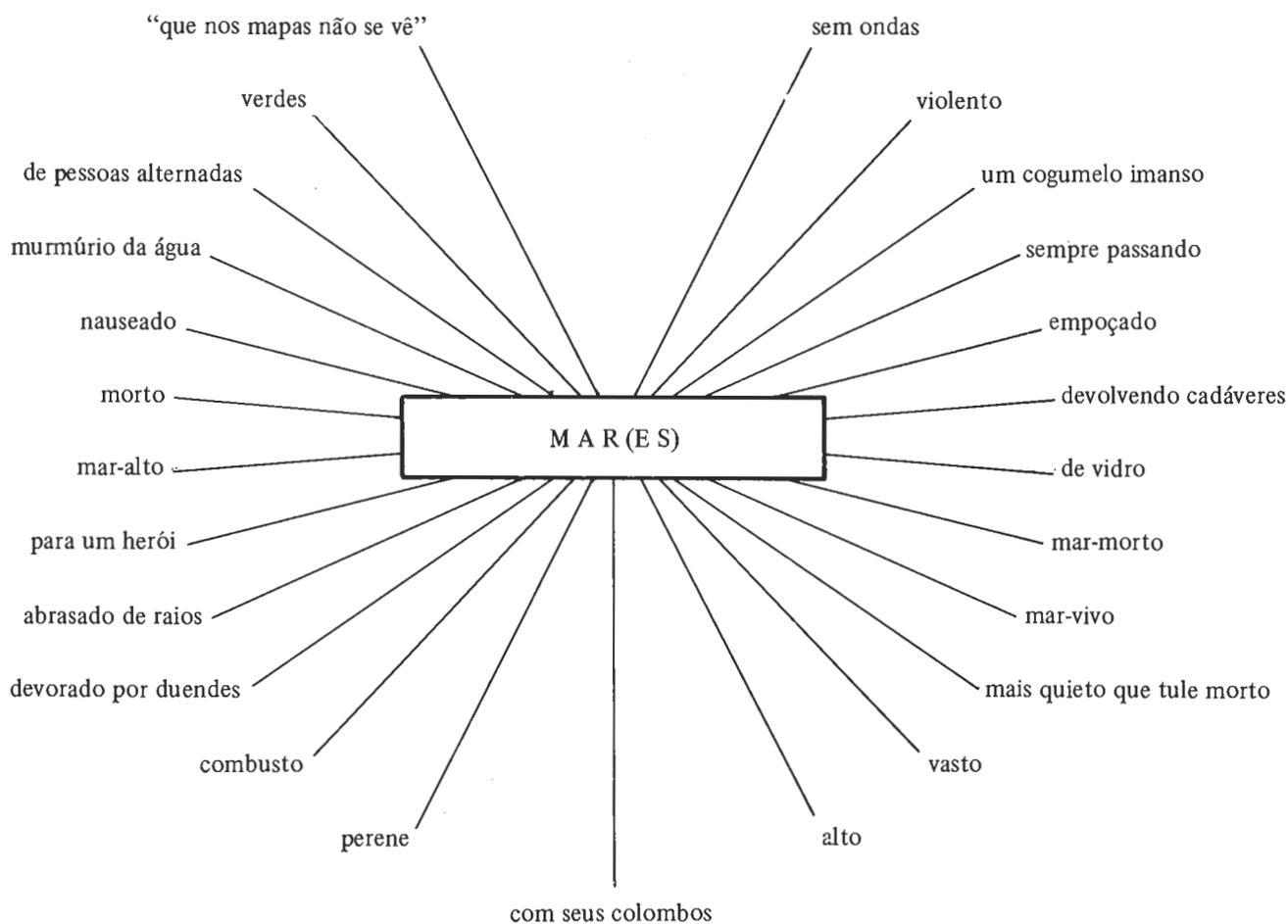
- Verdes mares (X, p. 403)
- Sobraçadas videiras do mar que o mar esconde sob o vinho das águas proteiformes (X, p. 398)
- Refugiados sons de mares (X, p. 397)
- Nasceu o mar um cogumelo imenso (X, p. 396)
- os pecadores andarilhos do mar, violento mar (X, p. 388)
- galgando o monte empedrado do céu (solo remido), em salmoura divina como oceano. (X, p. 384)
- oceanos subcelestes vos enchendo de lágrimas alegres. (X, p. 361)
- e os montes andam entre as águas do mar e as do horizonte (X, p. 360)
- na continuada lida – mar e mar (X, p. 352)
- ó mar sempre passando em que velejo. (X, p. 350)
- restante do empoçado mar (VIII, p. 343)
- os mares devolvendo seus cadáveres (VIII, p. 342)
- em frente ao trono de trovões e vozes um como mar de vidro e. (VIII, p. 341)
- Nus a descer pelos rios e em naus loucas até os mares que os sacolejaram como simples cortiças (VIII, p. 339)
- E em meio dos mares as quimeras de plantas e de seres intocáveis (VIII, p. 328)
- , os abismos de teu mar-morto, não, de teu mar-vivo. (VIII, p. 326)
- Areal frio outrora verde mar, (VIII, p. 323)
- Ó delírio nas águas revoltas, ó visão, ó papoulas sobre as faces, gaiotas desabadas n’água viva,

- torpor conjunto pelo céu e mar, (VIII, p. 320)
- Os hálitos chegados do mar (VIII, p. 318)
- jardins intemporais do vasto mar dormido (VIII, p. 312)
- Mares verdes lendas nas coisas, lendas nas montanhas (VIII, p. 308)
- O sim nosso alto mar com a sã loucura! (VIII, p. 302)
- Esta é a zona sem mar e sem distâncias (VIII, p. 300)
- , eis o mar fechado, que o mar alto cabe todo no côvado que medem as crianças (VIII, p. 294)
- era no início nesse além-mar, perene para nós (VIII, p. 293)
- vede as letras do mar, salitre fundo (VIII, p. 290)
- Esse abismo de mar não nos dá vau (VIII, p. 283)
- Vê-se o mar mais quieto que esse tule morto. (VIII, p. 281)
- E eis um mar de pessoas alternadas, marinhando salmouras redimidas (VIII, p. 280)
- o mar é apenas o murmúrio das águas (VIII, p. 277)
- eu sou, ilha de Deus; plantada sobre os mares, sou montanha (VIII, p. 276)
- Como conhecer o mar senão morando-o?(VII, p. 265)
- apagar de meu corpo o que houvesse de mar: o seu sal, o seu choro inconsciente, até mesmo o minúsculo hipocampo e outras coisas e redes (VII, p. 253)
- Estende agora os lábios aos oceanos interditos! (VII, p. 247)
- Cintilações, sóis duplos, ó grandeza, meu batel é tão ébrio, tão sem mapa, que meus mares não sei nem minhas bússolas. Sou o velho pai dos verbos que me negam, (VII, p. 245)
- Mas nessa estrada de mar quero mesmo recalçá-la

- demonstrá-la e libidá-la: (a memória) (VI, p. 238)
-o mar nauseado
que começa a tremer como uma entranha. (VI, p. 232)
 - ali surgiu o mar morto (VI, p. 226)
 - essa vela sem força e sem mar-alto (V, p. 209)
 - Dos porões vem um cheiro à maresia
mesclado a odor de ratos e de charque. (V, p. 202)
 - Será que há mar para um herói
olhar o céu à flor das águas? (V, p. 196)
 - A madre d'água é aberta como o fundo
dos mares, sem fusão, . . . (IV, p. 180)
 - Um apelo profundo, tão insano
desse mar que nos mapas não se vê,

- abrasado de raios e ardentias,
devorado por duendes que eram seus, (IV, p. 157)
- Estavas, linda Inês, repercutida
nesse mar, nessa estátua, nesse poema (II, p. 108)
 - Às vezes pela areia bebo deuses,
contemplo o mar nascendo, choro em vão, (II, p. 108)
 - Ele (o filho) dorme nesse mar combusto (II, p. 90)
 - Reinventamos o mar com seus colombos (I, p. 19)
 - Reinventamos o mar para essa ilha
que possui "cabos-não", a ser dobrados (I, p. 19)
 -irmão desse céu inane,
igual a um mar sem onda, um bronco e escuro oceano
dormindo em si, hediondo e morto como um eflúvio
(VI, p. 227)

Síntese



VII – O IMPOSSÍVEL POSSÍVEL
OU O SER E O NÃO-SER

A deduzir dos elementos pesquisados e a partir de seu processamento no mecanismo poético, já salientamos que os elementos estruturais apresentam oposições¹² ou contraposições no seu modo de ser a nível do mundo físico, em relação ao seu modo de ser a nível do mundo “metafísico”.

Além desse aspecto devemos salientar, ainda a partir do comportamento dos elementos estruturais e ainda no seu equacionamento em relação aos dois níveis citados, um novo aspecto de maior complexidade para a figuração dos seres na “visão” mítica. Este resulta da liber-

tação do ser do controle racional, do relacionamento do homem com a realidade do mundo físico, unívoco, e as infinitas possibilidades do ser humano com os mesmos elementos físicos a nível do mundo “metafísico”. Neste, a falácia e “fingimento” dos seres que salientamos como elementos estruturais é uma constante e sua figuração é heteromorfa na sequência dos instantes e situações contextuais, proporcionando multivisão desses elementos de estrutura. É uma espécie de metamorfose global, porque se dá do real para o “metafísico” e dentro do “metafísico” de contexto para contexto e em mutação constante.

Por isso que nos será permitido falar em primeiro lugar de:

O IMPOSSÍVEL DA “VISÃO” SENSORIAL DO SER FÍSICO, POSSÍVEL DO SER NA “VISÃO” METAFÍSICA E MÍTICA.

E em segundo lugar, por causa de maior ousadia do Poeta nesse processo da “visão” mítica em que se associam ao SER atributos de NÃO SER, falar de:
O SER NÃO-SER

Trata-se de atribuir uma impossibilidade ontológica a um ser possível no mundo físico; e/ou, um ser possível no mundo físico ter um modo de existir impossível no mundo “metafísico”, segundo os critérios da ordem lógica.

Sem maiores comentários transcrevemos os dois novos aspectos desta visão mítica.

A – O IMPOSSÍVEL DA “VISÃO” SENSORIAL
POSSÍVEL NA VISÃO METAFÍSICA E MÍTICA.

1. Rochedos esvoaçados por acasos
madeiras invisíveis
visão de coitos entre os impossíveis
montes boiarem
ódios gerando flores amorosas (I, p. 48)
2. Mesmo nesse fim de mar
qualquer ilha se encontrava,
mesmo sem mar e sem fim
mesmo sem terra e sem mim
E esse veleiro sem velas (I, p. 18 e 19)
3. e do vento indo e vindo nos rosais
e das pedras dormidas. . . (I, p. 19)
4. restituo-me
pés que nunca possui, (I, p. 25)
5. a sondagem do universo
é como esse metro, mão existente
dedilhando-o canção desconhecida. (I, p. 26)
6. Os rios parados
na face do tempo,
porém mais velozes,
são rios. (I, p. 27)
7. aparecida fonte sob e sobre,
ouvindo, refletindo lamentando-se,
mas sempre um canto cego na garganta. (I, p. 71)
8. enfim perplexidade,
calcomania funda em sangue alado. (I, p. 72)
9. Também julgamos ver uma menina,
que deve ser finada, penteando-se (I, p. 73)
10. Nasci de mortos, ontem ou hoje,
viva camisa sobre esse corpo
subserviente (II, p. 94)
11. Besta de plumas, concordaremos,
todos hão sido muito plausíveis
dementemente. (II, p. 14)
12. Tudo se dá, tudo se muda,
ser um milhão no sempre vácuo,
talvez, talvez. (II, p. 96)
13. um fogo queimando-se a si
próprio (II, p. 105)
14. (Ouve a canção sem voz, ouve a canção) (II, p. 108)
15. No fim do estupro é o mesmo, nós os castos,
nós os doces facínoras cordeiros. (II, p. 110)

16. ainda somos meninos, ainda somos
meninos **impossíveis** e **possíveis** (II, p. 111)
17. Há luz que é sombra só porque quer ser,
que amanhece nas almas vigiando-as,
que anoitece nos dias benfazejos. (II, p. 116)
18. As fontes dulçorosas desta ilha
promanam da rainha viva-morta; e
19. O punhal que a feriu é doce tília
de que fez a atra brisa santa porta, (II, p. 121)
20. Seres na estrada
nem são fantasmas
aves nos ramos
inexistentes; (II, p. 127)
21. tranças noturnas
mais que impalpáveis (III, p. 127)
22. gatos nem gatos
nem os pés do ar
nem os silêncios (III, p. 127)
23. Flor no ar sem umbela
nem tua lapela;
flor que sem nós há. (III, p. 128)
24. reencontrados países, becos, pássaros
sob as chuvas que nos molharão. (III, p. 131)
25. O Canto era um dia,
um dia futuro, (III, p. 136)
26. pois tudo era um dia,
um dia sem dia,
porém com o poeta
que um dia seria. (III, p. 136)
27. musa obscura, Eva obscura;
sextina que procura,
acabar, e começa. (III, p. 149)
28. A barba tão preta que era azul,
as amantes tão ruivas que eram nulas. (III, p. 150)
29. E meus olhos ausentes me espiando
entre as coisas caducas e fugazes. (III, p. 151)
30. Só de estar-se no vértice danado,
fica-se duas vezes sepultado
com os olhos exumados, vendo tudo (IV, p. 167)
31. Não sei se era memória que eu falava,
se era palavra muda o que eu ouvia, (IV, p. 183)
32. E na selva selvagem me sustenta.
Equilibra-me ó força ascencionária,
voz inicial de meu sempre silêncio (IV, p. 191)

34. Havia mortos inda em derredor,
 conversavam de pé naquele idioma
 sem termos que os defundos sabem só,
 porém tão eloqüente fala muda. (V, p. 201)
35. Algum arroio corre com essas lágrimas,
 mas tão ligeiro pela escarpa aguda
 que os olhos de quem vê nunca vêem nada. (V, p. 217)
36. Quem nos chama?
 Aquele ar frio, aquele vento estático
 aquele ser ou coisa ali novácuo? (VII, p. 244)
37. E aí estão, estes túneis tão compactos
 que cruzam o silêncio das palavras. (VII, p. 246)
38. Permite-me falar sem minha língua:
 campo de estrelas no descobrimento
 dessa cosmogonia adormecida. (VII, p. 254)
39. E esse velho e atroz poema?
 Quem acaso o arquitetou?
 Que mão sem braço o escreveu? (VII, p. 264)
40. Com todo o amoroso ódio e a angústia mansa
 há na face um desânimo latente; (VII, p. 264)

41. Andamos com uma só, só solicitude,
 só uma estrada andando sobre nós,
 existimos poetas sem nascermos. (VIII, p. 276)
42. Contradição da luz reflexionada
 emplumando os arcanjos depenados. (VIII, p. 319)
43. tumulto silencioso a interrogava,
 ela falava em mente poderosa,
 a sombra de seus lábios derramava. (X, p. 362)
44. Miraceli ali estava e não estava
 senão a sua própria anunciação
 a sua informe face de parábola, e
45. o seu afago longe, sem luar,
 seu girassol noturno entre as neblinas, (X, p. 362)
46. Meu ser destituído era uma infância
 colada às outras faces não nascidas e
47. agora refletidas nesse olhar,
 nessas mortas corolas florescidas. (X, p. 362)
48. São luzeiros de sombras, equilíbrios,
 como os lustres dos cactos solitários
 e permanentes como os vôos cardiais. (X, p. 385)

Para evidenciar melhor os elementos em oposição ou sua impossibilidade de existência; os “impossíveis possíveis”, como diz o poeta; em outros termos, “o ser” e o “não ser”, transcrevemos em síntese os principais elementos dos exemplos anteriores.

B – “O SER E O NÃO SER”

- madeiras invisíveis
- pedras dormidas
- os rios parados
- canto cego na garganta
- decalcomania funda em sangue alado
- julgamos ver uma menina,
 que deve ser finada, penteando-se.
- Nasci de mortos
- besta de plumas
- um fogo frio queimando-se a si próprio
- o jeito é rir com a boca ausente
- ouve a canção sem voz
- um dia sem dia
- e meus olhos ausentes me espiando.
- fica-se duas vezes sepultado
 com os olhos exumados, vendo tudo
- se era palavra muda o que eu ouvia

- porém tão eloqüente fala muda
- permite-me falar sem minha língua:
 campo de estrelas no descobrimento
 dessa cosmogonia adormecida.
- que mão sem braço o escreveu
- existimos poetas sem nascermos.
- a sombra de meus lábios derramava
- como os lustres dos cactos solitários.
- ódios gerando flores amorosas
- e esse veleiro sem velas
- pés que nunca possui
- o jeito é rir com a boca ausente
- ainda somos meninos impossíveis e possíveis
- sob as chuvas que não nos molharão
- com todo o amoroso ódio e
- a angústia mansa
- e tão bem e tão mal percebido
- promanam da rainha viva-morta
- são luzeiros de sombras.

Exemplo expressivo dessa falácia: dos seres é o soneto poema 27o. do I canto, p. 48.

Há uns eclipses, há; e há outros casos:
 de sementes de coisas serem outras,
 rochedos esvoaçados por acasos
 e acasos serem tudo, coisas todas.

Lãs de faces, madeiras invisíveis,
 visão de coitos entre os impossíveis,
 folhas brotando de amagos de bronze,
 demônios tristes choros nas bifrontes.

Tudo é veleiro sobre as ondas íris,
 condores podem ser os baixos ramos,
 montes boiarem, aços se delirem.

Vemos ao longe sombras, e são flâmulas
 lábios sedentos, lírios com ventosas,
 ódios gerando giores amorosas.

Nesse texto temos uma síntese dos elementos anteriormente salientados além da falácia e fingimento dos seres, motivo por que achamos oportuno transcrevê-lo, dada a sua notoriedade quanto a que nos referimos.

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

- 1 - CARPEAUX, Otto Maria - *Obra poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.
- 2 - LIMA, Jorge de - *Dois ensaios*. Maceió, Casa Frigueiros, 1929.
- 3 - _____ - *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro, Príncipe, 1952. (Livros de Portugal).
- 4 - _____ Rio de Janeiro, Ouro, 1967. (Clássicos Brasileiros).
- 5 - _____, pref. - *Os melhores contos rústicos de Portugal*. Rio de Janeiro, Dois Mundos, 1943.
- 6 - OBRA completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

- 7 - ANSELMO, Manuel - *A poesia de Jorge de Lima*. São Paulo, Ed. do Autor, 1939.
- 8 - BANDEIRA, Antonio Rangel - *Jorge de Lima, o roteiro de uma tradição*. Rio de Janeiro, São José, 1959.
- 9 - CARNEIRO, José Fernandes - *Apresentação de Jorge de Lima*. s.l.p., MEC, 1954. (Cadernos de Cultura).
- 10 - CARPEAUX, Otto Maria - *Obra poética*. Rio de Janeiro, Getúlio Costa, 1958.
- 11 - OBRA completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.
- 12 - SANTA CRUZ, Luiz - *Jorge de Lima, poesias*. Rio de Janeiro, Agir, 1958.

BIBLIOGRAFIA PARA TÉCNICA E TEORIA

- 13 - AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de - *Teoria da literatura*. Coimbra, Almedina, 1967.
- 14 - ANÁLISE Estrutural da narrativa. 2.ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1972.
- 15 - BARTHES, Roland - *O grau zero da escritura*. São Paulo, Cultrix, 1971.
- 16 - CHOMSKY, Noam - *Linguagem e pensamento*. Rio de Janeiro, Vozes, 1971.

- 17 - CHURCHMAN, C. West - *Introdução à teoria dos sistemas*. 2.ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1972.
- 18 - DUFRENNE, Mikel - *O poético*. Porto Alegre, Globo, 1967.
- 19 - GREIMAS, A.J. - *Semântica estrutural*. Madrid, Gredos, 1971.
- 20 - JAKOBSON, Roman - *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1971.
- 21 - KAYSER, Wolfgang - *Análise e interpretação da obra literária*. 2.ed. Coimbra, Armenio Amada, 1958.
- 22 - LEPSCHY, Giulio C. - *A linguística estrutural*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- 23 - LIMA, Luis Costa - *O estruturalismo*. Rio de Janeiro, Vozes, 1968.
- 24 - LUFT, Celso Pedro - *O escrito científico*. 3.ed. Porto Alegre, Lima, 1971.
- 25 - POUND, Ezra - *ABC da literatura*. São Paulo, Cultrix, 1970.
- 26 - RAMOS, Maria Luiza - *Fenomenologia da obra literária*. São Paulo, Forense, 1969.
- 27 - RICHARDS, J.A. - *Princípios de crítica literária*. Porto Alegre, Globo, 1967.
- 28 - RICHARDS, Jean-Pierre - *Poesie et profondeux*. Paris, Du Seuil, 1955.
- 29 - TODOROV, Tzvetan - *Estruturalismo e poética*. São Paulo, Cultrix, 1970.
- 30 - WELLEK, René e AUSTIN, Warren - *Teoria da Literatura*. Lisboa, Europa-América, 1962.

MITOLOGIA E LITERATURA

- 31 - BERGE, Damião - *O logos heraclítico*. Rio de Janeiro, MEC, 1969.
- 32 - BESSELARO, José van den - *Introdução aos estudos históricos*. 3.ed. São Paulo, Ilterder, 1972.

- 33 - BOSI, Alfredo - *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1970.
- 34 - _____ - *O pré-modernismo*. São Paulo, Cultrix, 1966. v.5.
- 35 - BRITO, Mário da Silva - *Antecedentes da semana de arte moderna*. 3.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- 36 - _____ - *Poesia do modernismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- 37 - BRUHL, Lucien Lévy - *La mythologie primitive: le monde mythique des australiens et des papous*. Paris, Presses Universitaires de France, 1935.
- 38 - ELIADE, Mircea - *Aspects du mythe*. Paris, Gallimard, 1966.
- 39 - _____ - *Le sacré et le profane*. Paris, Gallimard, 1965.
- 40 - MARTINS, Wilson - *O modernismo*. São Paulo, Cultrix, 1965. v.6.
- 41 - STRAUSS, Claude Lévi - *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
- 42 - _____ - *O pensamento selvagem*. São Paulo, Ed. Nacional, 1970.
- 43 - VILAS BOAS, Orlando e VILAS BOAS, Cláudio - *Xingu, os índios, seus mitos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- 44 - EIKHENBAUM, CHKLOVSKI, JAKOBSON. *Teoria da Literatura: os formalistas russos*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1971.

REVISTAS

- 45 - BOLETIM DE ARIEL. Rio de Janeiro, 1932-8.
- 46 - DISCURSO Nº 2. Dep. F.L.C.H. USP, 1971.
- 47 - DISCURSO Nº 3. Dep. F.L.C.H. USP, 1972.
- 48 - REVISTA DO BRASIL. seg. fase.
- 49 - TEMPO BRASILEIRO: estruturalismo. Rio de Janeiro, v. 15/16.

NOTAS

- 01 - "O cacto" - Publicado em SEMINA, vol. 1, n. 2, jul/dez 78.
- 02 - "As flores" - Publicado em SEMINA, vol. 1, n. 2, jul/dez 78.
- 03 - Revelar - conceito empregado segundo aparece em "O logos heraclítico"³¹. Revelar - Na teoria de Heráclito, e mais tarde, na de Demócrito, a palavra logos revela (deloi). Evidentemente, só se pode revelar o oculto, invisível. E segundo Aristóteles, o logos "revela, demonstra algo". Portanto: tornar visível o invisível é revelar. No conceito de Heráclito: logos = discurso que torna visível a physis invisível. Por analogia aplicamos o termo revelar à tentativa de tornar

- mais evidente a riqueza de aspectos em "Invenção de Orfeu", de Jorge de Lima.
- 04 - "O engenheiro" - Publicado em SEMINA, vol. 1, n. 2, jul/dez 78.
- 05 - Mito - O conceito de mito foi empregado na acepção constante em Lucien Lévy Bruhl op. cit. p. 37.
- 06 - Metafísico - conceito definido em SEMINA - vol. 1, n. 2 jul/dez 78.
- 07 - Publicado em SEMINA vol. 1, n. 2, jul/dez 78.
- 08 - Personemas - Termo empregado segundo consta em SEMINA vol. 1, n. 2, jul/dez 78.
- 09 - Fichário - Organizado a partir do

- "corpus" para a pesquisa e tese: "Invenção de Orfeu", 1a. edição.
- 10 - Introdução - Publicado em SEMINA, vol. 1, n. 2, jul/dez 78.
- 11 - Veja nota 09.
- 12 - Publicado em SEMINA, vol. 1, n. 2 jul/dez 78.

* Continuação do estudo da epopéia "Invenção de Orfeu", de Jorge de Lima, o segundo de uma série de artigos sobre a matéria, extraídos da tese de doutoramento defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O primeiro artigo foi publicado na Revista "Semina", volume 1, número 2, julho/dezembro de 1978.